

Entrevista

## Entrevista al Dr. Zeno Soares Crocetti por Omar Gejo, Gustavo Keegan y Alan Rebottaro

Entrevistamos al Dr. Zeno Soares Crocetti, Profesor del Instituto Latinoamericano de Tecnología, Infraestructura y Territorio de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana (UNILA-BRASIL) y miembro del Centro de Estudios Alexander von Humboldt, a través de diferentes intercambios por medios digitales, en el contexto de la pandemia provocada por el COVID-19. Agradecemos su predisposición para responder cada una de nuestras preguntas.

**Zeno Soares Crocetti durante el XXI Encuentro Internacional Humboldt, realizado en la ciudad de Foz de Iguazú, Brasil entre el 16 y 20 de septiembre de 2019.**



Fuente: Propia.

**Querido Dr. Zeno Soares Crocetti, esperamos que você esteja muito bem. É uma grande satisfação para nós realizar esta entrevista. A intenção é abordar sua carreira acadêmica no campo da geografia e sua opinião sobre vários temas. Estamos interessados em saber sobre o seu início.**

Venho de uma família camponesa migrante, meus avos paternos migraram da Itália no final do século XIX, meus avos maternos eram pescadores de origem açoriana. Meu pai nasceu em Curitiba, foi pequeno comerciante, cacheiro viajante, se estabeleceu na Argentina, na cidade de Posadas, onde abriu um comércio e viveu por mais de uma década dos 1940/50.

Eu nasci em Curitiba, iniciei minha vida profissional na indústria. As lembranças e reflexões reconstroem este caminho percorrido desde a inspiração e motivação para fazer graduação em

Geografia no interior de uma fábrica fordista/taylorista nos primeiros anos de faculdade até o momento da qualificação. Trata-se de alguns fatos que contribuíram para definir o meu perfil de professor e pesquisador e que, sem dúvida, têm suas raízes na minha história de vida, mas não a ilustram na sua complexidade. Sigo a trilha das superações deixando emergir as pontas dos avanços, sem me adentrar nos insucessos e erros vividos e nos sofrimentos que lhes são próprios, ao tentar superar as contradições que caracterizam os momentos de decisões.

Minha principal formação, onde construí um currículo imenso, foi na Associação dos Geógrafos Brasileiros, e considero essas múltiplas interações importantíssimas para meu desenvolvimento e amadurecimento acadêmico. Ingressei da AGB, me filiei em 1985, e militei permanentemente até 2006. Fui presidente da Seção Curitiba e cheguei à presidência nacional da AGB. Aos poucos fui desenvolvendo a percepção de que não deveria sempre adaptar-me às circunstâncias, mas também transformá-las para viver melhor. O sentido da vida que se nutria do ritual minucioso das horas de trabalho, de recreação e de estudo. As possibilidades de superação das dificuldades me nutriram, me fortaleceram, principalmente o apoio irrestrito que recebi dos meus familiares e amigos.

Minha trajetória acadêmica teve início em faculdades de Geografia privadas em Curitiba, em meado dos anos 1990, foi como professor na graduação que iniciei minha fase de pesquisador, e fui pressionado a seguir a me qualificar na academia, onde teve início minhas pós-graduações.

Na AGB fui pressionado pelos meus amigos Ruy Moreira, Armando Correa, Milton Santos, Pedro Vianna, Gil Toledo e José Borzacchiello a fazer mestrado, doutorado. Mas foi num evento em 1999 na UFSC que meus amigos Armen Mamigonian, Carlos Espíndola e José Messias, me convenceram definitivamente desta necessidade.

E foi justamente na UFSC que desenvolvi mestrado e meu doutorado em geografia, na área de Desenvolvimento Regional e Urbano.

### **Quais são suas principais linhas de pesquisa hoje?**

1. Geografia Econômica/Planejamento e pesquisa territorial
2. Formação Sócio-espacial
3. Geografia Econômica
4. Desenvolvimento Regional

**Seu último livro é intitulado “A crise do capital e o uso do Território”. Gostaríamos que você nos falasse sobre o processo de gestação e, ao mesmo tempo, desenvolvesse a ideia contida no título.**

Os livros têm uma história. E a história como sabemos não é apenas feita a partir de uma intenção única, mas de possibilidades e circunstâncias. A história tem um sentido, mas este sentido não é forçosamente apenas o resultado de uma decisão preliminar seguida sem tropeços.

O livro nasceu na intenção de reunir textos escritos entre 2005 a 2019, alguns deles foram debatidos publicamente, além de serem usados em cursos de graduação e pós-graduação e em congressos e encontros.

O objetivo de transformar os ensaios em forma de livro é torná-los acessível a um maior número de leitores, sem, todavia, descambar no simplismo que os ofende. Extrapolar os muros da academia, pois foram divulgados apenas a um público singular e seletivo.

Vários textos são inéditos. O interesse pela questão da economia política e geopolítica é antigo, o que pode ser verificado em outros trabalhos publicados, onde essas questões já eram objetos de análise, aí incluída a ideia de uma mundialização do território e o esforço para decifrar o quebra-cabeça da crise estrutural do capitalismo.

O livro, *A crise do capital e o uso do Território*, ele tem dois objetivos centrais; o primeiro é o de decifrar o período histórico presente como algo que pode ser definido como um sistema temporal coerente, cuja explicação exige que sejam levadas em conta as características atuais dos sistemas técnicos, financeiros e as suas relações com a realização histórica. Acredito que a construção, da realidade espacial tenha dependência estreita com as técnicas.

Um dos questionamentos “como os geógrafos contribuem para interpretar as estruturas do território e suas dinâmicas? ”. O próprio texto insinua uma resposta, numa alusão a Milton Santos: “Se a grande mídia contribui para o desaprendizado da informação, [...] acordamos a cada dia ignorantes das descobertas da véspera! ”. Quanto menos se sabe, mais se é manipulado, assim responde antiteticamente o texto.

Não se podem pensar esses elementos de forma isolada. A tecnologia, por exemplo, transforma a economia (mas também é produto desta), e não há como escapar da ideia de que essa mesma tecnologia transforma o modo como pensamos e usamos o território, como pensamos o mundo, suas fronteiras, nosso tempo, a ecologia, o espaço ou, para usar os termos de um dos textos: “O espaço geográfico é concebido como um cimento de objetos mediados pela práxis social”.

**No ano passado, apareceu a Revista Latino-Americana de Geografia Econômica e Social, onde você faz parte da Equipe Editorial. Você poderia descrever este projeto?**

A publicação começou a ser pensada, esboçada no Brasil ao final do XVII Encontro Internacional Humboldt em 2015, quando em debate como professor Omar Gejo foi discutido a importância de se ter um periódico latino-americano de Geografia econômica radical.

Mas devido à realização de vários congressos de Geografia Econômica, ficou em modo de espera. Na Argentina não sei como foi conduzido o processo neste período.

Mais nos próximos eventos no Brasil e na Argentina, SENGES e EH por iniciativa de um grupo de alunos e pesquisadores, com referencial teórico marxista sob a liderança do professor Omar Gejo na Argentina e Armen Mamigonian no Brasil as tratativas para construção de um periódico internacional latino-americano ganhou corpo, começou a ser debatido.

Até que em 2018 e 2019 ocorreram encontros e debates para efetivação e construção coletiva da *Revista Latino-Americana de Geografia Econômica e Social*, que nasceu do esforço de geógrafos brasileiros e argentinos, agregados em torno do Centro de Estudios Alexander Von Humboldt, e tem como objetivo se tornar um veículo de divulgação para a Geografia Crítica Latino-americana.

**Em 1º de março deste ano, foi celebrado o 150º aniversário da Batalha de Cerro Corá, onde ocorreu a última e mais desigual resistência das forças armadas paraguaias na Guerra contra a Aliança Tripla. De uma perspectiva geo-histórica, qual foi o papel do Brasil nessa guerra?**

Não tenho muita simpatia por esta pauta, isto obriga a gente a ficar nu, o que pode ser perigoso. Nunca pensei profundamente sobre a questão. Vamos fazer este exercício juntos, como definição nós sabemos que a economia é subordinada à política.

A geopolítica que precedeu a Guerra da Tríplice Aliança foi gestada na conjuntura do processo da Revolução Industrial, tendo a Inglaterra como epicentro deste processo, com a ruptura e perda da colônia dos Estados Unidos, os ingleses tiveram necessidade de unificação, o espantoso, é que com o território fragmentado, a governabilidade se torna impossível.

Com a unificação do território, e criação do Reino Unido, os britânicos partem para consolidação do seu Império, as colônias britânicas ocupavam praticamente um quarto da área total da Terra. Isso ocorreu durante Era Vitoriana, período da Guerra da Tríplice Aliança. Também, tiveram problemas, a Guerra do Ópio, Guerra da Crimeia e Rebelião Indiana de 1857.

O mundo tinha acabado de passar por uma crise estrutural do capitalismo, um período de depressão (1814-1827), O Brasil como demais países na América Latina se aproveitaram da crise para fazer suas independências, o período da Guerra da Tríplice Aliança, o Brasil era um império, sob um governo de descendentes da família real sob influência direta do Império Britânico.

Para Hobsbawm (1975), A idade do capital, 1848-1875, o conflito foi causado pelo processo de expansão capitalista global, em consequências da integração da Bacia do Rio da Prata na economia do mundo britânico.

Já Gunder Frank (1969), em Capitalismo e subdesenvolvimento na América Latina, apresentou uma interpretação similar, os interesses da guerra era o avanço do capitalismo liberal na América Latina, nas décadas de meados do século XIX, havia atribuído um papel mais ativo aos “poderes metropolitanos”, o que, para ele, significava a Grã-Bretanha. Os poderes metropolitanos, segundo o historiador, haviam “ajudado os seus parceiros comerciais latino-americanos mais jovens com armas, bloqueios navais e, quando necessário, intervenção militar e [a] instigação de guerras, como a da Tríplice Aliança contra o Paraguai”.

Na década de 1960, o argentino León Pomer defende que o conflito foi motivado pelo imperialismo inglês.

As razões da Guerra, as versões tradicionais dos historiadores brasileiros defendem que o conflito foi o resultado dos projetos expansionistas e megalomaniacos de Francisco Solano Lopez, contra as outras nações do cone sul. Acredito que o papel do Brasil nesta Guerra, é uma mistura destas determinações.

### **Como você poderia caracterizar a integração do Brasil no sistema mundial desde o final do século XIX até os dias atuais?**

Em 2020 vivemos no Brasil uma crise moral, social, política e econômica, nunca antes visto na história do país. Explicita o grave impasse nacional. Interrompendo um longo ciclo de expansão das forças produtivas, a desarticulação do processo de industrialização subdesenvolvida, que avançava pela linha de menor resistência, ancorada no Estado e impulsionada pelas políticas públicas na orientação do Desenvolvimento Econômico e pela concentração de renda, coloca hoje a formação econômica do Brasil em xeque.

Prevalece às forças que se empenham em interromper o nosso processo histórico de formação de um Estado-nação.

A gênese econômica brasileira se fundamenta na exploração colonial portuguesa, dos ciclos coloniais a empresa agrícola. Ciclo de exploração do pau Brasil e as feitorias portuguesas, para economia escravista da agricultura colonial tropical, nos séculos XVI e XVII. Da economia açucareira a pecuária, o complexo econômico nordestino. Seguido da contração econômica, invasões estrangeiras e expansão açucareira no caribe, a saída foi à expansão territorial a exploração do ouro e a economia escravista mineira do século XVIII.

Seguindo o povoamento e articulação das regiões meridionais. Além do ciclo cafeeiro brasileiro séculos XIX e XX. No final do século XIX com a migração em escala, tem início a economia de transição para o trabalho assalariado, com o fim da escravidão em 1888.

No final do século XIX tem início o confronto com o desenvolvimento dos EUA, gerando um declínio em longo prazo do nível de renda. Depois da crise 1929, economia de transição para um sistema industrial, a crise da economia cafeeira, gera um deslocamento do centro dinâmico.

O território nacional brasileiro hoje é um território nacional, mas de economia internacional. O território é sempre moldado por quem manda, então, o território revela também a incapacidade de governo, isto é, a não-governabilidade do país, porque o Brasil é um país não-governado. Ao mesmo tempo em que o território revela que o governo, a política, se faz pelas grandes empresas. São as grandes empresas que fazem a política. Isto fica claro no uso do território brasileiro.

E creio que este século XXI é o século dos paradoxos. Paradoxo é a contradição em estado puro. Então, ao mesmo tempo em que o presidente é criticado, ele é apreciado, pelo que contam as pesquisas.

**Nos últimos anos, analistas internacionais fizeram referência ao declínio dos Estados Unidos e à ascensão da China no sistema mundial. Qual é a relação do Brasil com os dois poderes?**

A mudança no diagnóstico sobre o caráter do processo histórico em curso no Brasil não diminui em nada a importância da interpretação da Formação Econômica e Social do Brasil, para a compreensão da realidade nacional, porque é impossível compreender a gravidade da crise brasileira sem um profundo mergulho nas suas origens históricas mais remotas. O diagnóstico atual não nega a interpretação anterior, mas a pressupõe a desdobra para contemplar as novidades históricas dos últimos quarenta anos.

O Brasil precisa enfrentar as causas profundas do subdesenvolvimento, retomando, assim, a bandeira perdida nos anos de 1980/1990 e 2020. Necessitamos com urgência de uma ruptura com a situação de dependência externa - um tabu que poucos, mesmo nos setores mais à esquerda do espectro político, ousam colocar na agenda política do país.

Neste mundo financeirizado, os países que são do centro do capitalismo mundial, aqueles mais fortes, apresentam algumas características específicas, entre elas, o papel da indústria cada vez menor e a média de crescimento também inferior ao que era antes. Para um país que

não é desenvolvido, que se encontra na periferia, tentar se igualar aos países desenvolvidos, hoje, terá que reinventar, significa concorrer com o modelo flexível de produção e crescer pouco, o que para um país da periferia não é bom. A ideia de o país ser menos dependente, no entanto, não significa que o país terá condições de fazer uma política de desenvolvimento consistente. As melhores condições de desenvolvimento exigiriam do país um posicionamento em termos da reconstrução de seu Projeto Nacional, ou seja, é preciso de alguém com a intenção de fazer isso. Serão necessárias, articulação e organização mais forte da sociedade em torno da importância de um Projeto Nacional.

Uma boa parte dos brasileiros não se dá conta de que o país está a cada dia mais sendo fragmentado, e numa fragmentação que não possibilita a reconstituição do todo, porque o Estado nacional se omitiu, e o comando do território, naquilo que há de hegemônico, é entregue às grandes empresas.

Vejam como os políticos e o executivo, discute seguridade social, a maneira como se trata os aposentados, existia um contrato da nação que cada pessoa cumpriu ao longo da vida, e no fim dizem a ela: “Esse contrato não vale mais”. E isso é aceito! Então tudo aquilo que foi pactuado, que seria a solidariedade são zoados, largados e uma parte da sociedade aceita como normal porque foi vendida uma fabula que estamos “no caminho da modernidade, para ser primeiro mundo”. Então, há uma fragmentação da sociedade, do território, junto com a governabilidade.

Antes de tudo, o processo em curso expressa um movimento político mais amplo, internacional, de ascensão da direita e extrema-direita em inúmeros países, tanto no centro quanto na periferia do capitalismo. Em todos os casos, em maior ou menor grau, esse movimento representa e articula, de forma aparentemente bizarra, um conjunto de interesses e tendências ideológicas, que podem ser resumidos em: ultra-neoliberalismo, autoritarismo político (desqualificação do Estado Democrático de Direito), nacionalismo efetivo ou retórico (contra a “globalização”), xenofobismo (contra a imigração), reacionarismo moral e cultural (anti-iluminista), fundamentalismo religioso cristão (católico e, principalmente, evangélico). E que tem como meio fundamental de propagação e arregimentação de militantes e apoiadores o uso intensivo das redes sociais, fazendo uso da chamada “Guerra Híbrida”.

No plano internacional, a crise financeira do capitalismo, eclodida em 2008, assim como a resposta dada pelos diferentes Estados nacionais (socialização dos prejuízos do sistema financeiro, através do endividamento dos Estados) e, na sequência, o aprofundamento das políticas e reformas neoliberais nos países periféricos (a partir da crise da Zona do Euro em 2010), se constituem na base material dessa ascensão da nova direita e extrema-direita em escala mundial.

Este segmento ultraconservador conseguiu capturar a raiva e o ressentimento dos “perdedores” do processo de mundialização do capital dos últimos quarenta anos (conduzido pelas finanças e o neoliberalismo) e direcioná-los contra inimigos imaginários e o establishment em geral (a democracia liberal); raiva e ressentimento derivados do desemprego, da pobreza, da insegurança e da precarização do trabalho e da vida. A incapacidade do liberalismo clássico e da socialdemocracia, em apresentar alternativas ao ultra-neoliberalismo e suas consequências sociais, facilitou o crescimento do neofascismo. Então diante desta análise, interpretação, para mim, não é fundamental, quem é o centro de poder, se EUA ou a China, no passado foi a Inglaterra centro de nossa dependência. E não sejamos ingênuos, os EUA ainda são a maior máquina de guerra do planeta, e continua uma grande potencia econômica, se bem que o imperialismo da China é mais light, mais simpático, mais como sabemos os países centrais não tem amigos, tem interesses!

**Quais são os principais centros urbanos do Brasil e que problemas eles apresentam? Nesse sentido, quais são os desafios políticos que os trabalhadores brasileiros enfrentam atualmente?**

Nas grandes cidades brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza, Manaus, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, etc.), e no urbano brasileiro, vivem hoje mais de 80% dos brasileiros com suas conhecidas tragédias urbanas, refletem, assim, muito mais do que problemas locais, do ponto de vista da organização regional como do ponto de vista da organização interna, a cidade é, uma autêntica e total representação da região a que preside e do mundo com o qual se relaciona. Tentar melhorar a qualidade de vida de seus habitantes é tarefa urgente, mas o desafio não é pequeno, já que os problemas urbanos se confundem com os dilemas do país. Hoje a tragédia brasileira urbana é marcada por deficiência de mobilidade, falta de moradias, violência e insegurança crescente, carência de saúde pública e um desemprego estrutural e conjuntural sem precedente histórico.

Mas mesmo assim nosso saudoso Milton Santos nos ensinou que, “os pobres na cidade, os excluídos, com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam. Mas há lugares globais simples e lugares globais complexos.

A cidade grande é um enorme espaço banal, onde convivem todos os capitais, todos os trabalhos, todas as técnicas e formas de organização podem aí se instalar, conviver, prosperar. A cidade grande é o espaço onde os fracos podem subsistir.

Hoje a cidade grande, se transformou numa diversidade sócio-espacial. Palco da atividade de todos os capitais e de todos os trabalhos, ela pode atrair e acolher as multidões de pobres expulsos pela modernização da agricultura e dos serviços. E a presença dos pobres aumenta

e enriquece a diversidade sócio-espacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, onde as formas de trabalho e de vida se ampliam a necessidade e as formas da divisão do trabalho, como as possibilidades e as vias da intersubjetividade e da interação. É por aí que a cidade encontra o seu caminho para o futuro.

Há, de um lado, uma economia explicitamente globalizada, produzida de cima, e um setor produzido de baixo, que, nos países pobres, é um setor popular e, nos países ricos, inclui os setores desprivilegiados da sociedade, incluídos os imigrantes. Cada qual é responsável pela instalação, dentro das cidades, de divisões de trabalho típicas. Em todos os casos, a cidade é um grande sistema, produto de superposição de subsistemas diversos de cooperação, que criam outros tantos sistemas de solidariedade.

Nas atuais condições de globalização, todos esses subcírculos ou subsistemas de solidariedade tendem a especializações que não tem a mesma natureza. Pode-se, também, dizer que há uma especialização de atividades por cima e uma especialização de atividades por baixo. Mas a primeira é rígida, dependente de normas implacáveis, de cuja obediência depende a sua eficácia. Diz-se destas normas que são complexas por causa do seu conteúdo científico e tecnológico e de sua busca de precisão no processo produtivo. Mas, também, pode-se dizer que, na economia mais pobre, as divisões do trabalho consideradas mais simples pelo discurso dominante, são, de fato, as mais complexas?

Na periferia o quadro ocupacional não é fixo: cada ator é muito móvel, podendo sem trauma exercer atividades diversas ao sabor da conjuntura. Essa metamorfose do trabalho dos pobres nas grandes cidades cria o que, em outro lugar (Santos, 1991) denominamos de "flexibilidade tropical". Há, uma multiplicidade de combinações em movimento permanente, dotadas de grande capacidade de adaptação, e sustentadas no seu próprio meio geográfico, um híbrido de materialidade e relações sociais.

Durante séculos, foi difundido que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos "lentos" e não dos que detêm a velocidade. Quem, na cidade, tem mobilidade - e pode percorrê-la e esquadrihá-la - acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Os homens "lentos", para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações (mentiras e manipulações).

É assim que eles escapam ao totalitarismo da racionalidade, aventura vedada aos ricos e às classes médias. Desse modo, acusados por uma literatura sociológica repetitiva, de orientação

ao presente e de incapacidade de prospectiva, são os pobres que, na cidade, mais fixamente olham para o futuro.”

(Síntese de Milton Santos, *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, 2004, p. 208-265).

### **Quais efeitos você considera que o impacto do COVID-19 terá no mundo, na América do Sul e no Brasil?**

A despeito das incertezas sobre a recuperação do mundo pós-pandemia da Covid-19, a estimativa é de que o cenário ainda piore muito antes de melhorar. Para os economistas e articulistas o diagnóstico é que o fundo do poço está próximo e deve ser atingido ainda neste terceiro trimestre de 2020. O juro mais baixo este ano já conseguiu reduzir a expectativa de inflação no futuro e isto é muito importante, tanto para os consumidores voltarem a comprar quanto para os empresários decidirem investir. No Brasil e América Latina, o dólar mais alto talvez ajude a melhorar a balança comercial, mas qualquer cenário traçado agora é uma probabilidade. Há muito ainda a ser feito, medidas de ajuste fiscais emergenciais e ampliação dos gastos públicos, devem ser adotadas. E no Brasil, por exemplo, o ministro Paulo Guedes, definitivamente não é o cara para isto!

Ao interpretar a enxurrada de notícias e ensaios publicados diariamente, tanto sobre a pandemia, como o cenário de caos pós-pandemia, tento interpretar as tendências, localizar o que está acontecendo, centenas de informações fragmentadas, eu tento ler de maneira interligada, entender como o capitalismo esta funcionando. Dentro desta quantidade imensa de cenários, esboço um mapeamento de profusões de contradições internas da circulação e acumulação de capital.

Tentam vender o mito conveniente de que as doenças infecciosas não reconhecem classe social ou outras barreiras e fronteiras sociais. Mas quando analisamos os números e localização dos mortos no Brasil e EUA, este mito cai por terra, pois a maioria esmagadora dos mortos é da periferia e pessoas em vulnerabilidade.

Durante as epidemias de cólera e gripes do século XIX e início do XX, a importância das barreiras de classe foi dramática, foi destas catástrofes o nascimento de um movimento público de saneamento e saúde que se profissionalizou e evolui e durou até os dias de hoje. Será que esse movimento foi projetado para proteger todos ou apenas as classes abastadas? Os pesquisadores trabalham as vinte e quatro horas do dia para conseguir entender o surto, eles enfrentam enormes desafios.

A crônica falta de infraestrutura e a continuada escassez de kits para diagnóstico da infecção viral, esta lacuna, tem impedido a projeção de estimativas precisas, como a taxa de

reprodução, a quantidade da população infectada e as infecções de caráter benigno. As informações vêm sendo um completo caos numérico.

A “gripinha” que Bosonaro menospreza é um perigo sem precedentes para populações idosas, com um potencial saldo de mortalidade na casa dos milhões.

O vírus está sofrendo mutações à medida que atravessa populações dotadas de diferentes composições etárias e condições de saúde. A variedade que chegou às Américas é ligeiramente diferente daquela identificada no surto original em Wuhan. Como serão as futuras mutações do vírus? Ele atualmente mata vertiginosamente a partir dos cinquenta anos de idade, então a “gripinha” poderá representar um perigo mortal para 25% dos estadunidenses nesta faixa de idade, que já possuem sistemas imunes fracos ou problemas respiratórios crônicos. Qual seria o impacto de uma mutação destas na América Latina!

Empresários pedem um equivalente ao 'Plano Marshall' para salvar o mundo do 'caos social' provocado pelo coronavírus, as alternativas para uma economia pós-coronavírus, jamais poderão ser pelo caminho neoliberal.

É consenso entre os analistas, de certa forma afirmam que a crise econômico-sanitária será muito grave se medidas fiscais emergenciais, não forem tomadas para fortalecer a demanda e a oferta, simultaneamente. O desemprego, já elevado, e o investimento, em baixa, devem piorar com a conjunção entre a crise financeira internacional e a pandemia do covid-19. O impacto do covid-19 afetará a demanda e a oferta, colocando a sociedade em pânico.

Será necessário ampliar os gastos públicos para ampliar o tamanho dos mercados e estimular a produção e a renda. Para que estas políticas surtam efeito, nos sabemos que o planejamento é fundamental.

O aumento do gasto público, assim como da oferta de crédito, devidamente coordenados e planejados melhoram os prognósticos de que a economia possa vencer os efeitos perversos da falta de demanda sobre os empregos e das restrições de oferta causado pelo covid-19.

É preciso reconhecer que será difícil ultrapassar essa crise econômico-sanitária. Os desafios urgentes são enormes e as possibilidades de superá-los serão muito, mais muito difícil. Também entendemos que os problemas de oferta e demanda imporá dor e sofrimento elevados e desnecessários à população, em especial, aos mais pobres.

Dependendo da escala que esses problemas alcançarem, a segurança pública e os laços de convivência sofrerão grandes ameaças, deixando a sociedade entregue ao caos. O aumento

do já elevado desemprego e o colapso do sistema de saúde podem levar a episódios frequentes de revolta popular, que poderão ser usadas para justificar medidas violentas e autoritárias.

Mais do que nunca, o esforço, a determinação, a generosidade e a inteligência serão exigidas das lideranças.

**Finalmente, gostaríamos que você refletisse sobre um tópico que você considera de interesse.**

**Sobre a indústria brasileira, quais considerações são essenciais para reverter o processo de desindustrialização da economia brasileira.**

Para boa parte dos pesquisadores liberais a causa principal da destruição do parque industrial brasileiro é a crise financeira mundial, redutora de exportações e catalizadora da disputa externa pelo mercado doméstico. Também afirmam que outra questão são os efeitos acumulados da perda da terceira revolução industrial e da crise da dívida externa, entre os anos 1970 e a década de 1980; da abertura comercial com câmbio valorizado e juros altos nos anos 1990; e da manutenção dos juros altos e do real valorizado a partir de 2003, com desperdício da oportunidade representada pela redução da dívida pública, acumulação de reservas e elevação dos preços internacionais das commodities exportadas.

Depois foram as taxas de juros crescentes, que encarecem o crédito, aumentam os níveis de inadimplência e deprimem a demanda; inflação crescente, que aliada aos menores ritmos de expansão da renda faz com que haja um menor poder aquisitivo e o que também faz com que a demanda reduza.

Para sair desse atoleiro os empresários propõem, a FIESP defende “prioridade imediata” ao acordo MERCOSUL-União Europeia, pelo “potencial de incrementar exportações brasileiras e catalisar transferência de tecnologia”, sem dizer como isso ocorreria. “O equívoco começa quando os proponentes da abertura comercial pura e dura lhe atribuem virtudes sobrenaturais e desconhecidas na literatura econômica relevante sobre o tema”, critica o economista Luiz Gonzaga Belluzzo.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que a participação da indústria de transformação no PIB cresceu vertiginosamente entre 1947 e 1985 saltando de 11,8% para 27,2%. Nos últimos 35 anos, entretanto, a indústria de transformação perdeu significativamente sua importância para a economia brasileira voltando ao patamar anterior ao de 1947. Hoje (2020) o setor responde por apenas 10% da riqueza gerada no país.

O conjunto de determinações que colaboraram para desindustrialização foi observado em toda a América Latina, mas no Brasil é um desastre por seu tamanho e relevância, é o mais

significativo caso de desmantelamento precoce da indústria. Todo o sistema que tinha por objetivo industrializar o país entrou em colapso. A industrialização inicialmente foi impulsionada pela substituição de importações nos anos 1930 por Getúlio Vargas e sequencialmente estimulada por políticas desenvolvimentistas, a indústria brasileira experimentou seu auge no começo dos anos 1980, quando chegou a responder por mais de 30% da geração de valor agregado e emprego no país, segundo números da ONU.

A gênese do processo de desindustrialização teve início com os choques econômicos vividos pelo mercado nacional nos anos 1980, se intensificou com a abertura comercial no começo dos anos 1990, seguido pelo abandono das políticas desenvolvimentistas e pelo emprego da taxa de câmbio como ferramenta no combate à inflação.

Depois, a desindustrialização foi favorecida por reformas liberalizantes do FMI e do Banco Mundial e, mais recentemente, pela pauta exportadora focada em commodities e por um real considerado valorizado.

Países ricos também passam pelo fenômeno de desindustrialização, mas de forma diferente. Com o acúmulo de riqueza, esses países investiram na capacidade produtiva intelectual da população por meio de educação e pesquisa, o que gerou empregos mais sofisticados no setor de serviços. É um movimento de transformação e de geração de mais riqueza, e não necessariamente de perda dela.

De acordo com a UNCTAD, medidas liberais exigidas pelo Banco Mundial e pelo FMI como condição para empréstimos também tiveram impacto sobre a indústria brasileira e latino-americana.

As exigências dessas instituições incluíam abertura de mercados, privatização, desregulamentação, livre movimento de capitais.

Tudo isso mudou a estrutura e a orientação da economia de uma forma que foi completamente oposta ao que se tinha até então no Brasil. Uma indústria que estava crescendo rapidamente promovida pelo BNDES e apoiada por um mercado doméstico em crescimento - todo esse sistema que objetivava industrializar o país entrou em colapso.

Num cenário pós-crise da pandemia, a retomada do crescimento econômico global passará pelo resgate do consumo da classe média nos países ricos. Para a periferia resta trabalhar suas economias domesticamente, frente a um cenário internacional pouco otimista.

No Brasil, num momento em que ainda está profundamente imerso nos seus próprios problemas, é recomendado apoio estatal ao estímulo industrial e uso do capital estrangeiro - seja ele em investimento direto ou especulativo.

Para alavancar a capacidade ociosa da indústria e coloca-la de pé, somente com o Estado, exercendo um papel crucial para fazer a indústria recuperar sua força. Mas o desmonte do Estado promovido ao longo dos últimos 35 anos pelo neoliberalismo tirou parte da capacidade de atuação. Como existem desajustes de natureza macro, que é condição necessária, mas não suficiente para retomada do desenvolvimento industrial. Mas nesse momento o Estado seria fundamental, mas ele não está preparado, o Estado está desestruturado. Repensar o futuro implica em um reposicionamento político e institucional, um projeto de nação.



Esta obra se encuentra bajo Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0. Internacional. Reconocimiento - Permite copiar, distribuir, exhibir y representar la obra y hacer obras derivadas siempre y cuando reconozca y cite al autor original. No Comercial – Esta obra no puede ser utilizada con fines comerciales, a menos que se obtenga el permiso.